



# **A SOCIOLOGIA E OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID NO ENSINO BÁSICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Paulo Rodrigues Barbosa <sup>1</sup>  
Thâmila Rodrigues de Andrade <sup>2</sup>  
Eva Aparecida da Silva <sup>3</sup>

## **INTRODUÇÃO**

No final do ano de 2019 e início de 2020 uma pandemia de proporções globais acometeu a humanidade, fazendo com que diversas ações fossem tomadas de modo a conter a propagação da doença e evitar mortes, estando entre estas ações o fechamento compulsório (ou lockdown) das chamadas atividades e serviços não-essenciais. A escola, assim como diversos outros campos da atividade humana, ao longo dos últimos dois anos, foi incluída, ainda no ano de 2020, no âmbito do trabalho remoto, como parte de um esforço para evitar a propagação do novo coronavírus a partir do impedimento de aglomerações (BRASIL, 2020).

Neste contexto, toda a estrutura do Programa Residência Pedagógica foi adaptada também ao império do mundo digital, uma vez que, com as escolas fechadas e as aulas presenciais suspensas, a inserção presencial dos licenciandos, nesse caso em Ciências Sociais, no meio escolar ficou inviável.

O fechamento das escolas, deve-se dizer, também foi impulsionado pela demora por parte da União em adquirir e distribuir a maior quantidade de vacinas possível à população. Fato que, além de causar centenas de milhares de mortes evitáveis, adiou todo o processo de retomada das atividades escolares (BBC, 2021). Tal parêntese é necessário visto que, conforme dito, toda a estrutura e funcionamento do Programa Residência Pedagógica foram adaptados à dinâmica on-line, assim como as aulas. Este é um fator muito importante porque todas as análises e críticas que este relato possa vir a apresentar devem ser entendidas dentro deste contexto singular, não devendo ser encaradas como regra do trabalho educativo do(a) docente acompanhado(a). Assim como ocorre com os estudantes, os professores também passam por um momento de exaustão física e mental, acompanhada de uma sobrecarga há muito denunciada e acentuada pela pandemia.

Desta forma, nos próximos parágrafos tentaremos descrever, na forma de objetivo de pesquisa, o que foi possível identificar como trabalho docente na atividade do(a) professor(a) acompanhado(a), destacando processos como a escolha do tema da aula, conteúdo,

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, pr.barbosa@unesp.br;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, thamila.andrade@unesp.br

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutora, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, eva.silva@unesp.br.



procedimentos e recursos didáticos à luz do referencial histórico-crítico. Para tanto, deve-se ter sempre em mente o objeto da educação, que, por um lado, diz respeito à:

identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2000, p.17).

Outro fator importante para a interpretação deste relato de experiência reside na questão da dialética. Como estas análises são guiadas de acordo com os pressupostos da pedagogia histórico-crítica, tendo como um de seus alicerces básicos a dialética e, sendo ela um conceito entendido como movimento, contradição e transformação do real (KONDER, 2008), as práticas metodológicas centradas nos conteúdos acrílicos, neutros, livrescos e enciclopédicos estão em desacordo com nosso referencial. Esta é uma categoria de suma importância para este relato, porque entende-se como um dos objetivos do trabalho educativo, à luz histórico-crítica, a superação das desigualdades e contradições da sociedade. Sem este caráter crítico, e com viés de transformação, o trabalho educativo, ainda que possa vir a criticar, pode cair no reprodutivismo das contradições e desigualdades que deveria superar.

## **METODOLOGIA**

Como característico de um relato de experiência, os dados e informações teórico-práticas obtidos na constituição deste trabalho são oriundos da observação direta da prática docente do(a) professor(a) preceptor(a). Observações estas que foram confrontadas com os pressupostos de uma ação pedagógica balizada à luz da pedagogia histórico-crítica. Para tanto, fora realizado um breve estudo bibliográfico acerca destes pressupostos, levantando o que há de clássico e de atual no campo da pedagogia histórico-crítica, e, após a devida apreensão daquilo que é nuclear no debate, fora feita a observação da prática docente, no âmbito do Programa Residência Pedagógica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A disciplina acompanhada foi a de Sociologia, sendo ministrada por um(a) professor(a) da rede pública estadual da cidade de Araraquara, São Paulo. No que diz respeito a definição do espaço-tempo das aulas, o 1º (primeiro) ano do ensino médio foi o local onde o trabalho educativo foi observado, tendo o(a) docente 1 (uma) aula de 45 (quarenta e cinco) minutos por semana para trabalhar os temas, conteúdos e objetivos relativos à disciplina. Temas, conteúdos e objetivos estes que foram ao(à) docente disponibilizados através de um Currículo Oficial, elaborado pela Coordenadoria Pedagógica da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Nele, os temas relativos à área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a qual pertence a Sociologia, são tabelados e apresentados sequencialmente,



especificando o passo-a-passo que o(a) professor(a) deve seguir para cumprir com o trabalho educativo. No Currículo há a descrição total e completa da ação do(a) docente, indicando, além dos temas, os momentos da aula, os exercícios e até mesmo os conceitos e objetivos que deverão ser contemplados.

A partir da definição prévia do tema, conteúdo e conceito, tendo o Currículo como ponto inicial, a ser trabalho na aula, foi observada, enquanto procedimento da aula, a exposição dos conteúdos/conceitos extraídos do material oficial. Nota-se que o procedimento identificado não esteve, neste caso, dissociado dos recursos didáticos utilizados para o trabalho educativo do(a) docente, uma vez que, pelo contexto de isolamento já colocado, os recursos didáticos concentraram-se na figura do computador/celular. Assim, toda a ação educativa tinha como fio condutor a necessidade, por parte dos estudantes, dos residentes e também do(a) professor(a), de ter disponível um equipamento (computador ou celular), com razoável acesso à internet, de modo que pudessemos utilizar uma plataforma de reuniões on-line a partir da qual a aula era realizada.

Por fim, enquanto instrumento de avaliação, foi identificada a necessidade dos estudantes elaborarem uma espécie de relatório, ou atividade, relacionada à aula. Aqui eles deveriam realizar uma pesquisa, responder questões – colocadas pelo Currículo, e assistir a vídeos de apoio, em particular as vídeo-aulas produzidas pelo Centro de Mídias de São Paulo (CMSP), que tinham o objetivo de mensurar o grau de assimilação dos conceitos por parte dos estudantes.

A partir da descrição exposta, damos início à análise com a definição do espaço-tempo das aulas, o qual fora posto, excepcionalmente, devido à pandemia, inteiramente de maneira on-line, tendo cada aula uma duração de 45 minutos, toda quarta-feira, às 10h10 da manhã. A duração de cada aula pode indicar certa dificuldade do(a) docente em transmitir os conceitos de maneira assertiva, especialmente na perspectiva histórico-crítica.

O pouco tempo disponibilizado sugeriu (e a observação confirmou) que os conteúdos foram expostos de maneira apressada e sem o devido preparo. As categorias espaço-tempo e definição do tema/conceito/objetivo da aula têm aqui uma interseção, pois a limitada duração de cada aula é determinante no processo de definição dos conteúdos, que são orientados pelo Currículo.

A presença do Currículo Oficial foi especialmente marcante, porque ele foi o único instrumento teórico utilizado pelo(a) docente no processo de definição dos temas, conceitos e objetivos das aulas. Não foi identificada nenhuma outra abordagem, nenhum outro referencial teórico, além de não ter havido nenhuma tentativa, por parte do(a) docente, em construir as aulas a partir da prática social (contexto, experiências de vida) dos estudantes. A bem da verdade, foi necessária a ação dos residentes para que fosse realizada uma quebra nessa lógica.

A partir de uma situação de racismo vivenciada por um dos estudantes, os residentes elaboraram uma intervenção no cronograma de aulas, trazendo aos discentes uma aula sobre a história do movimento negro, a aproximação a conceitos como racismo e colorismo, além da



identificação de estratégias de combate. Com isso, ao final da aula, foi identificado um maior engajamento dos estudantes, com muitos deles se dirigindo aos residentes para conversar e tirar dúvidas sobre o conteúdo e sobre assuntos de suas vidas pessoais.

No que diz respeito aos procedimentos adotados pelo(a) docente na apresentação de sua aula, foi identificada a abordagem exclusivamente expositiva, na qual o conteúdo era totalmente reproduzido do Currículo Oficial, sem qualquer adaptação ou adição, observação que reforça a dependência, por parte do(a) professor(a), do livro didático e instrumentos teóricos oficiais.

Com relação aos recursos didáticos, tanto o(a) docente, os estudantes e os próprios residentes ficaram à mercê dos meios digitais para tornar possíveis as aulas. No cenário de isolamento social e com as escolas fechadas, foi necessário o uso de uma plataforma de reuniões on-line para que os conteúdos pudessem ser transmitidos aos alunos. Talvez nem seja preciso ressaltar que tal situação foi extremamente prejudicial ao desenvolvimento do trabalho educativo, afinal o acesso à internet, bem como aos equipamentos para seu uso, é, em si, um elemento de marginalidade. Tivemos relatos de alunos que tinham que utilizar o celular/computador dos pais, ou que tiveram de se reunir em três ou quatro para utilizar somente um equipamento ou, até mesmo, de alunos que simplesmente não compareciam aos encontros digitais.

Ainda no que se refere aos procedimentos e técnicas para apresentação de sua aula, um outro problema identificado é a utilização frequente e exclusiva do Centro de Mídias de São Paulo como apoio pedagógico, o que acabou por desmotivar os alunos como evidenciado pela baixa adesão nas aulas virtuais.

O cenário era de um grande beco sem saída, pois, se de um lado havia residentes ávidos por ministrar aulas, do outro os alunos, há tempos exaustos por essa modalidade de ensino, acabavam cedendo a toda sorte de distrações, como jogos virtuais, músicas, séries de televisão e redes sociais aliados à comodidade de ficar em casa por causa do isolamento social. E não só isso, muitos alunos se viram responsáveis por irmãos menores, afazeres domésticos ou trabalho informal para ajudar a sua família, pois, com o acirramento da pandemia, muitos pais e mães perderam seus empregos, diminuindo de forma drástica a renda familiar.

No entanto, com a perspectiva de flexibilização das medidas de isolamento social no segundo semestre de 2021, nós residentes fomos surpreendidos pela volta total do ensino presencial e, mesmo com muitos residentes e professores totalmente vacinados, julgamos prudente adiar esse retorno, dado, ainda, à instável situação da pandemia. Devido a este fato, as regências foram diminuídas a uma aula, para que houvesse tempo para a atividade elaborada pelos residentes.

Como apontado acima, foi observado um grande apego ao currículo e pouco incentivo à experimentação de novas formas de ensino que utilizem o que é mais caro e mais difícil de ser apreendido em um contexto pandêmico: a capacidade dos alunos de refletir criticamente sobre sua realidade e, mais importante, transmitir os saberes necessários para que possa ser



empreendida uma ação transformadora. A dependência pedagógico-metodológica do(a) docente sugere uma falta de autonomia em relação aos conteúdos livrescos e oficiais, evidenciando um fenômeno de racionalização e a crescente proletarização do docente.

Além disso, como apontado logo acima, o(a) docente fez uso, exclusivamente, do Currículo Oficial, não buscando outras alternativas ou propostas teóricas, o que, por fim, determinou que os critérios de avaliação fossem também definidos, única e exclusivamente, a partir dos instrumentos oficiais, não havendo qualquer outra maneira de mensurar o sucesso ou fracasso do trabalho educativo no que diz respeito à assimilação dos conteúdos por parte dos estudantes. Ao final de cada aula, o(a) docente encaminhava aos discentes, através de um grupo num aplicativo de mensagens, atividades de leitura e resposta acerca do conteúdo trabalhado. Como dito, estas atividades já estavam prontas, tendo o(a) professor(a) um papel não maior do que apenas repassá-las aos estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações feitas indicaram que o(a) docente preceptor(a) não possui qualquer autonomia no que se refere ao seu trabalho educativo, recorrendo, única e exclusivamente, aos meios pedagógicos, didáticos e metodológicos oficiais no processo de construir suas aulas. A bem da verdade, é difícil até falar em construção de aulas, porque o(a) docente nada construiu, nada pensou ou pesquisou; tudo já foi pesquisado, pensado e construído para ele(a). O material das aulas é dado ao(a) professor(a) de maneira hierárquica e externalizada, com isso o(a) mesmo(a) não participa em nenhum momento do processo de concepção de seu trabalho educativo, o que, mais uma vez, reforça a separação da esfera material da intelectual da ação do(a) professor(a), onde este(a) apenas atua como um porta-voz, um apresentador de um conteúdo que lhe foi antecipado, processo este anunciado por Contreras (2002) ao discutir o fenômeno da proletarização do trabalho docente:

tudo isso [*a super dependência de instrumentos oficiais*] reflete o espírito de racionalização tecnológica do ensino, na qual o docente vê sua função reduzida ao cumprimento de prescrições externamente determinadas, perdendo de vista o conjunto e o controle sobre sua tarefa (grifo nosso, 2002, p.41).

Portanto, fica claro o entendimento de que não há, no trabalho educativo do(a) docente observado(a), qualquer correspondência de um referencial histórico-crítico. Reforça-se que não temos por objetivo atacar a figura do(a) professor(a) de maneira individual, mas sim a observação de seu trabalho educativo, entendido enquanto uma dimensão muito maior do que sua atuação individual, sendo esta influenciada por diversos outros determinantes estruturais que vão muito além da própria vontade do(a) professor(a) em propor seu trabalho educativo, de uma maneira ou de outra.

Assim sendo, o que observamos foi como o conteúdo sociológico presente no Currículo Oficial é estruturado de maneira falha e imprecisa, o que de primeiro momento poderia começar a ser solucionado pela disciplina de Sociologia, por estar presente não



apenas no Ensino Médio, mas, nos dois últimos anos, também no ensino fundamental, em algumas escolas, para que nos anos posteriores pudéssemos aprofundar conteúdos e métodos sociológicos com pesquisas qualitativas e quantitativas sobre a comunidade escolar, seus bairros, suas emoções, suas histórias e raízes.

**Palavras-chave:** Residência Pedagógica; Sociologia; Pedagogia Histórico-Crítica; Autonomia; Proletarização Docente.

## REFERÊNCIAS

BBC.COM. São Paulo: BBC News Brasil, c2021. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57674512>>. Acesso em: 25 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. **Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 jun. 2020. p. 62.

Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>>. Acesso em: 27 out. 2021.

CONTRERAS, J. Autonomia de professores. Trad. Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.

KONDER, L. O que é dialética. Ed.25, São Paulo: Brasiliense, 2008.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2000.